



**LISBOA
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT**

MESTRADO
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS

TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO

**O CONHECIMENTO EM TURISMO: UMA
AVALIAÇÃO AO MODELO DE TRIBE E LIBURD**

AIRES JORGE MIGUEL AGUIAR BRANDÃO AMARAL

OUTUBRO – 2018



**LISBOA
SCHOOL OF
ECONOMICS &
MANAGEMENT**

**MESTRADO EM
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS**

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO
DISSERTAÇÃO**

**O CONHECIMENTO EM TURISMO: UMA
AVALIAÇÃO AO MODELO DE TRIBE E LIBURD**

AIRES JORGE MIGUEL AGUIAR BRANDÃO AMARAL

ORIENTAÇÃO:

JOSÉ MANUEL DIAS LOPES

OUTUBRO – 2018

Resumo

O turismo é hoje um assunto da máxima atualidade, quer num plano prático, pela tendência mundial de crescimento que o sector apresenta e pelo peso cada vez mais expressivo que tem na economia dos países; quer num plano teórico, pela crescente produção académica de que tem sido alvo. No plano da investigação, contudo, não passa desapercibido o facto de a literatura relegar para um segundo plano questões de natureza estritamente teóricas. Assim, o presente estudo constitui-se como um contributo para diminuir esta lacuna focando-se em questões de natureza epistemológica.

Neste domínio, há um nome que surge como incontornável: John Tribe. Entre muitos outros contributos na área, desenha, com a ajuda de Janne J. Liburd, um complexo sistema de conhecimento em turismo. O objetivo dos autores é claro: explicar as dinâmicas de criação de conhecimento no campo de estudo do turismo. A presente dissertação procura verificar a aplicabilidade do modelo desenvolvido. Para tal, estabeleceu-se um instrumento (quadro de referência) que permitisse fazer essa verificação e testou-se o mesmo numa amostra de vinte e três artigos com propostas de agendas de investigação em Turismo e Hospitalidade (T&H).

Como se poderá constatar, é possível afirmar que há um grau de correspondência grande entre a realidade e aquilo que são as dinâmicas de criação de conhecimento em turismo e os elementos do modelo criado por Tribe e Liburd (2016). Com efeito, os artigos analisados atestam que o modo como se gera conhecimento em turismo vai muito alinhado com o modelo avaliado.

Palavras-chave: Turismo; Hospitalidade; Epistemologia; Sistema de conhecimento em turismo. Agendas de Investigação.

Abstract

Nowadays tourism is an extremely current issue. In practice due to the worldwide growth trend that the sector presents and to the increasingly significant weight on the economy of a country. In theory due to the academic production of which it has been target. Thus, this study pretends to be a contribution to reduce this gap by focusing on questions with an epistemological nature.

On this matter there is an outstanding name: John Tribe. Amongst many contributions in the area, he outlines, with Janne J. Liburd, a complex tourism knowledge system. The authors' aim is clear: explain the dynamics of knowledge creation on the tourism field. The present dissertation tries to verify the applicability of the developed model. To do it, was established a tool (a frame of reference) that allowed to do that verification and the same was tested on a sample of twenty-three articles that include suggestions of research agendas in Tourism and Hospitality (T&H)

As it will be seen, it is possible to state that there is a great level of correspondence between the reality and what are the dynamics of knowledge creation in tourism and the elements of the model created by Tribe and Liburd (2016). In fact, the analyzed articles attest that the way tourism is generated is very much in line with the evaluated model.

Keywords: Tourism; Hospitality; Epistemology; Tourism knowledge system; Research Agendas.

Agradecimentos

Quero agradecer ao meu orientador, Professor José Manuel Dias Lopes, por ter acreditado em mim, pela disponibilidade do primeiro ao último minuto, por me ter ajudado sempre com a melhor disposição.

Quero agradecer à minha mãe, à minha querida Maria por ter insistido tanto comigo e por estar sempre ao meu lado, ao Tomás pelo bom-humor com que me ajudou a levar a tese e pela disponibilidade, à minha segunda mãe Inês, ao meu pai que me deu esta possibilidade e ao André que me deu tempo de tornar este projeto possível.

Índice

Resumo	iii
Abstract	iv
Agradecimentos.....	v
I. Introdução	1
II. Revisão de Literatura.....	2
2.1 Turismo: O Debate Epistemológico	2
2.2 John Tribe: Principais Linhas de Pensamento	3
2.3 Modelo de Criação do Conhecimento em Turismo.....	5
2.4 Agendas de Investigação	16
III. Metodologia	18
IV. Análise e Discussão de Resultados.....	19
4.1 Quadro de Referência.....	19
4.2 Caracterização da Amostra.....	21
4.3 Análise dos Resultados	22
V. Conclusões.....	25
VI. Referências Bibliográficas	26
VII. Apêndice.....	31

I. Introdução

Em 2017, é reforçada a posição do turismo na economia portuguesa e mantém-se o seu estatuto de principal setor exportador – nesse ano, as receitas turísticas representam 7,8% do PIB¹. Tendo ainda por referência o mesmo ano, constata-se que o fenómeno de crescimento não é apenas nacional: o relatório da Organização Mundial do Turismo² (OMT) revela que, numa perspetiva mundial, as chegadas de turistas aumentaram 6,8% – o maior crescimento desde 2009.

O debate sobre o sector é um assunto de grande atualidade. Com efeito, prática e teoria caminham de mão dada e o turismo desenvolve-se também como campo de estudo. No plano da investigação, parece consensual a sua caracterização como uma área jovem e com uma grande margem de progressão. A produção sobre o tema vem-se tornando cada vez mais vasta. No entanto, não deixa ser notório o facto de a literatura apresentar relativamente poucas referências que tratem a temática sob um prisma estritamente teórico.

Se é verdade que esse tipo de reflexões escasseia, também é verdade que a academia mostra empenho em reduzir esta lacuna, e intensifica, paulatinamente, um debate centrado em questões de natureza epistemológica. Como referência incontornável neste domínio surge o nome de John Tribe. Para o autor questão da natureza epistemológica do conhecimento em turismo é relevante porque dela decorre a validação do conhecimento que é produzido na área e a delimitação do campo de estudo do turismo (Tribe, 1997).

Atendendo ao exposto, a presente dissertação tem a ambição de estimular este debate epistemológico no âmbito do turismo. Seguindo uma metodologia de análise de conteúdo, este estudo empírico tem como objetivo colocar à prova o “sistema de conhecimento em turismo”: um modelo da autoria de Tribe e Liburd (2016), que visa explicar processos e fatores que geram conhecimento nessa área. Examinado um conjunto de agendas de investigação – que assumem esse papel de definição de políticas de investigação e que, por isso, são reflexo das dinâmicas da pesquisa – em T&H, procura-se testar o grau de adequação do modelo, dos autores referidos, à realidade. Assim crê-se ser possível dar um contributo construtivo para este debate teórico em torno da epistemologia do T&H.

¹ Fonte: Travel BI

² Com sede em Madrid, a Organização Mundial do Turismo (OMT) é uma agência especializada das Nações Unidas. Trata-se da principal organização internacional de âmbito turístico e um fórum mundial para o debate das questões da política de turismo.

II. Revisão de Literatura

2.1 Turismo: O Debate Epistemológico

O Turismo, dada a importância que assume em muitas economias e a visibilidade que tem um fenómeno que cresce de dia para dia, é um tema de uma enorme atualidade. Muitas vezes, é caracterizado como uma área de investigação jovem e de um grande dinamismo (FCT, 2018). Dois traços que, no campo da investigação, são com grande frequência sinónimo de falta de solidez num domínio do conhecimento.

Com efeito, ao longo tempo, tem-se assistido a uma intensificação de um debate centrado nas questões de natureza epistemológica (Benckendorff e Zehrer, 2013). Uma reflexão que tem produzido os seus frutos, mas que está longe de se encontrar encerrada. No que a esta área diz respeito verificamos uma certa disparidade na literatura: a produção sobre o tema é vasta, mas poucas são as referências que o tratam num plano estritamente conceptual (Coutinho e Seabra de Melo, 2016).

A questão epistemológica apresenta a maior relevância. Afinal, como relembra Tribe (1997), o que está em causa é a validação do conhecimento que é produzido na área e a delimitação do campo de estudo do turismo. Está em jogo perceber as dinâmicas da investigação em turismo, no presente e no futuro (FCT, 2018).

A Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2018), FCT, examina os dois grandes pressupostos que têm norteado este debate epistemológico. Por um lado, o facto de se tratar de uma área jovem – veja-se que a primeira revista académica que versa sobre o turismo, *The Tourist's Review*, nasce apenas no pós-guerra, em 1946. Uma área por estruturar, onde parece haver uma fragmentação grande do conhecimento existente (Benckendorff e Zehrer, 2013). Por outro, o facto de apresentar um grande dinamismo. Como, de resto, tipicamente ocorre no terreno das ciências sociais, a realidade do turismo, que se apoia nessas áreas, é muito mutável. Ao contrário do que acontece nas ciências exatas, as ciências sociais são contextuais e os contextos podem mudar (Ryan, 2018).

A FCT (2018) faz algumas considerações importantes para a discussão e que, de facto, confirmam esses dois pressupostos que refere. O autor faz um estudo centrado nos registos de uma pesquisa levada a cabo através da Web of Science, onde os artigos publicados sobre T&H surgem classificados maioritariamente em sete categorias: Hospitalidade, Lazer, Desporto e Turismo (HLDT); Gestão; Estudos Ambientais; Ciências Ambientais; Sociologia; Economia e Geografia. No mesmo estudo, importa ainda referir,

são considerados dois períodos temporais: 1900-2007 e 2008-2018. Partindo daqui, são relevantes as conclusões tiradas da análise feita.

Em primeiro lugar, é assinalado o crescimento acentuado do número de publicações em T&H. Há também que ver que, do primeiro para o segundo período, há um aumento da frequência dos estudos relacionados com gestão e economia, em detrimento de estudos realizados em outras áreas das ciências sociais – como é o caso, por exemplo, da sociologia. De resto, o estudo mencionado, aponta um outro dado muito importante para este debate: a percentagem de artigos publicados na categoria de HLDT sobe de 25% para 34,8%. Com efeito, parece assistir-se a um crescimento do estudo sobre T&H naquilo que é a sua área específica.

Se, por uma parte, a investigação parece ir no sentido de querer autonomizar a área. Por outra, é inegável uma certa falta de autonomia, a fragmentação no conhecimento e um grande dinamismo: o estudo em turismo surge ainda muitas vezes como um campo muito apoiado numa série de outras áreas do conhecimento, socorrendo-se das suas abordagens e metodologias.

O debate epistemológico tem produzido um conjunto vasto de contributos diretos para dar resposta a questões de natureza disciplinar – como “O conhecimento em T&H é mais do que a soma de contributos fragmentados?” ou “Tem, ou não, o conhecimento em T&H um núcleo disciplinar autónomo?” – e questões centradas na questão do conteúdo do conhecimento – veja-se, por exemplo, os trabalhos de Tribe e Liburd (2016) ou Chambers (2018).

Na sequência do exposto, a presente dissertação o que procura é alimentar este debate epistemológico no domínio do turismo. Como? Por meio de agendas de investigação em T&H, desenvolve-se um estudo empírico que coloca à prova o sistema de conhecimento em turismo. Um modelo da autoria de Tribe e Liburd (2016), que visa explicar as dinâmicas de conhecimento nesta área (abordando, entre outros, inputs, outputs e processos). Desta maneira acredita-se ser possível dar um contributo relevante, construtivo, para este debate teórico em torno da epistemologia do T&H.

2.2 John Tribe: Principais Linhas de Pensamento

Desde 1990, John Tribe tem vindo a desenvolver a sua pesquisa na área de turismo. As contribuições do autor britânico, que se tornou uma referência incontornável no âmbito da teorização, materializam-se numa série de livros e artigos publicados: entre

muitos outros, contam-se os documentos divulgados no *Annals of Tourism Research*, *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, *Journal of Teaching in Travel & Tourism* ou no *Tourism Management*. Na sua produção académica conseguimos identificar o destaque que o professor da Universidade de Surrey dá aos estudos da sustentabilidade e, sobretudo, à epistemologia e educação em turismo. Precisamente, os domínios onde encontramos as suas principais contribuições (Coutinho e Seabra de Melo, 2016).

Tribe procura um equilíbrio entre as dimensões teórica e prática. Tem consciência da divergência, qualitativa e quantitativa, existente e sabe o quão importante é aprofundar o domínio epistemológico. Diante deste cenário, destaca assim a função que podem e devem assumir os investigadores e as instituições de ensino superior para a reflexão sobre própria área. É este seu singular percurso que o leva à criação de um modelo do conhecimento em turismo, amplamente difundido e que se encontra agora sob análise. Antes de procurar compreendê-lo, afigura-se necessário observar alguns dos seus pressupostos e desvelar algumas das principais linhas de pensamento do autor.

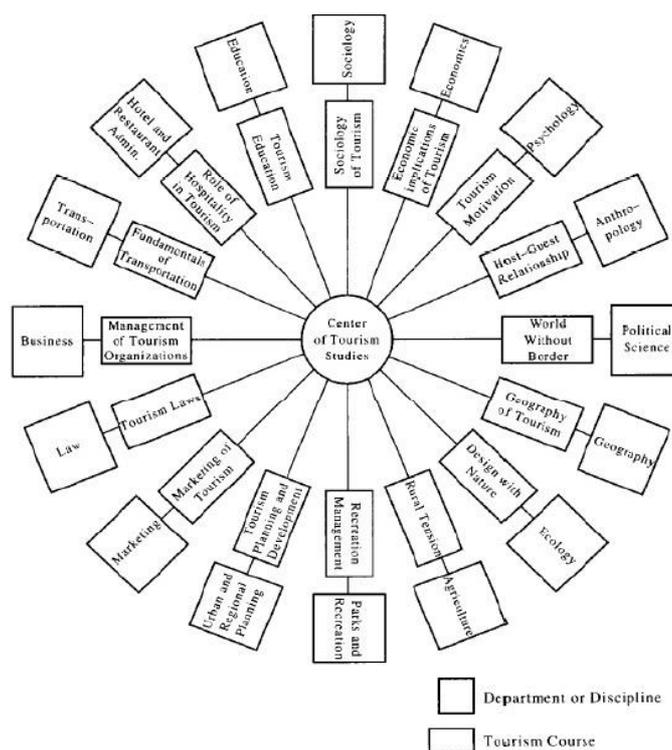
No seu artigo *The Indiscipline of Tourism* (1997) toma uma posição importante para quem queira compreender o seu modelo. Contrariamente ao que é defendido por outros autores como Goeldner (1988) e tendo por referência os critérios definidos por Hirst (1965), Tribe (1997) rejeita que os estudos em turismo se possam classificar como “disciplina”. Um estatuto que lhe é negado essencialmente por carecer de aquilo que o autor considera uma unidade conceptual forte e por se encontrar tão apoiado, e consequentemente dependente, numa série de disciplinas. “Campo de estudo” parece ser a designação adequada: este, por sua vez, concentra-se num fenómeno particular e para o explicar socorre-se de um determinado conjunto de disciplinas.

Além de uma ideia de indisciplina, Tribe (1997) caracteriza o turismo como multidisciplinar e interdisciplinar. Em *The Indiscipline of Tourism* (Tribe, 1997), explica estes dois eixos. Com o primeiro, refere-se à relação que o turismo assume com uma série de disciplinas. A título de exemplo, podem dar-se conceitos como os de “impacto ecológico do turismo” ou “motivações do turismo”. Embora apresentados sob uma dimensão turística, o primeiro resulta de um diálogo com a Biologia e o segundo com a Antropologia. Precisamente nesse sentido, de uma relação com uma multiplicidade de disciplinas das quais resultam conceitos aplicáveis ao turismo, se fala em multidisciplinariedade.

Tribe (1997) fala ainda de um eixo de carácter interdisciplinar. Como faz notar, há certas noções em turismo que resultam de um diálogo entre este e uma série de disciplinas em simultâneo. Exemplo disso mesmo é o conceito de “carrying capacity”: resultado de um diálogo entre Sociologia, Economia e Biologia, ele entra em contacto com este campo de estudo abrindo novas perspetivas³. Veja-se que multi- e interdisciplinaridade não se confundem. O primeiro tem que ver com o facto de o turismo estabelecer relação (aproveitando conceitos, metodologias...) com várias disciplinas. Por seu turno, o segundo tem que ver com a capacidade que este tem de estabelecer relação com diversas disciplinas e promover um diálogo simultâneo entre elas.

2.3 Modelo de Criação do Conhecimento em Turismo

As pesquisas de Jafari e Ritchie (1981), dão forma a um primeiro modelo de produção do conhecimento em turismo elaborado por Jafari (2005) apresentado na **Figura 1**.



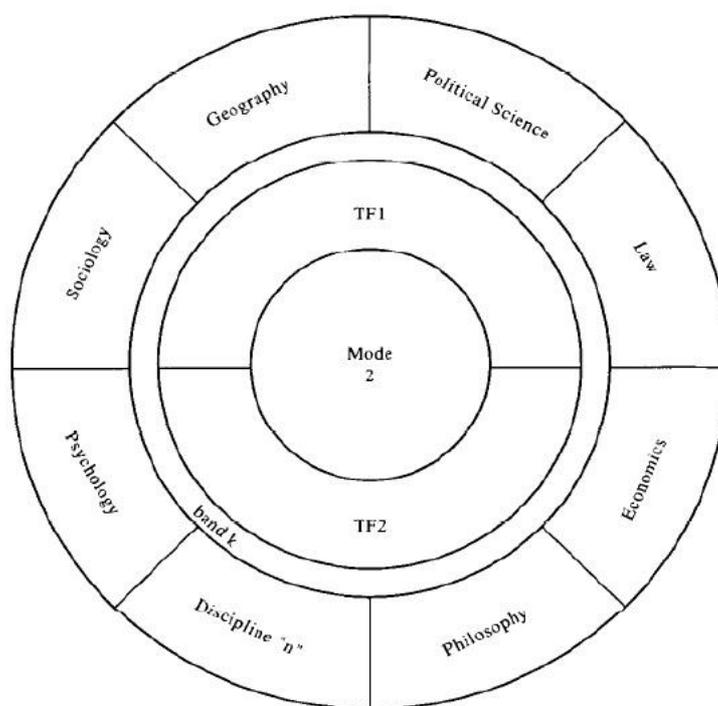
Fonte: Jafari, 2005

Figura 1: Modelo de produção de conhecimento em turismo de Jafar Jafari

³ Veja-se como o conceito pode entrar em contacto com este campo de estudo e ter uma aplicação prática: *Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité Das Regiões – Orientações de base para a sustentabilidade do turismo europeu* (2013); ou Qiuyun et al. (2011).

Nalguma medida o modelo parece ir de encontro ao que é proposto por Tribe (1997): o turismo é apresentado como um campo de estudo e mostra como o fenómeno recorre a uma série de disciplinas para que se desenvolvam explicações sobre o mesmo. No centro localizam-se os estudos em turismo, que devem ter um departamento próprio na Universidade (Jafari & Ritchie, 1981). A toda a volta surgem toda uma série de departamentos que, dentro da sua área específica, contribuem com uma série de conceitos e metodologias dos quais se socorrem para estudar o turismo e concorrem, com as suas análises, para a interpretação deste campo (Jafari & Ritchie, 1981).

No sentido de aperfeiçoar este modelo Tribe (1997) constrói um outro – apresentado na **Figura 2**.



Fonte: Tribe, 1997.

Figura 2: Modelo de criação de conhecimento em turismo de John Tribe

O autor britânico (Tribe, 1997) defende a existência de uma subdivisão no campo de estudo do turismo (identificados no anel interior, “TF1” e “TF2”):

1. O campo dos aspetos comerciais (“tourism business studies”): partilha um território comum ao estudo das ciências empresariais, mas no contexto do turismo; incluindo, por exemplo, o marketing em turismo, estratégias empresariais do turismo, leis do turismo ou gestão em turismo – T(ourism)F(ield)1.

2. O campo dos aspetos não-comerciais: que, novamente sem se ser exaustivo, engloba realidades como os impactos ambientais ou sociais – T(ourism)F(ield)2.

Note-se, o próprio autor refere-o, que pode existir alguma sobreposição entre os dois campos. Dá o exemplo dos impactos ambientais que residem essencialmente no campo TF2, mas – uma vez que afetam o negócio do turismo – acabam por, ao mesmo tempo, marcar presença no campo TF1.

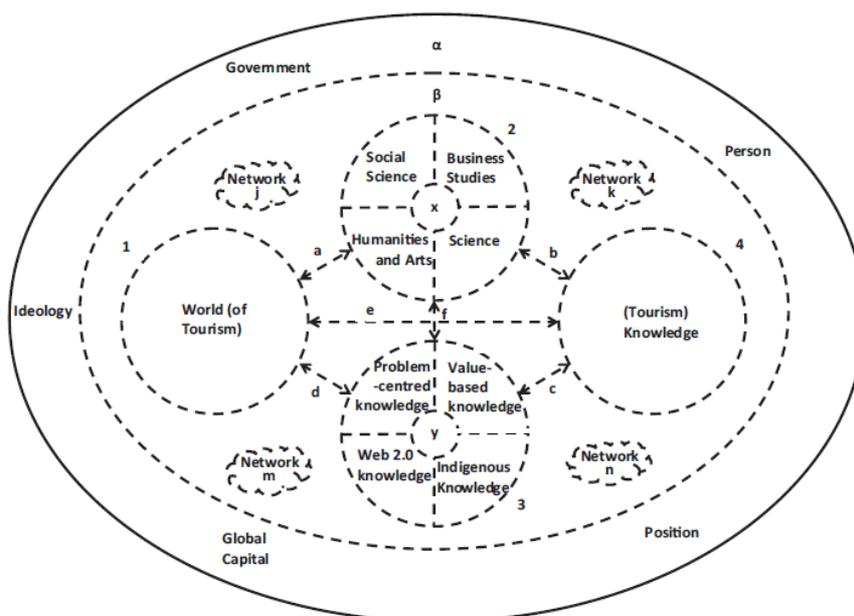
No modelo pode ainda identificar-se um anel exterior, onde se encontram enumeradas algumas de “n” disciplinas. Fora dos campos do turismo encontramos uma série de disciplinas que, com os seus métodos de pesquisa, abordam o turismo dentro daquilo que são os problemas do fenómeno que se cruzam com as suas respetivas áreas (Tribe, 1997).

Mais discreto que os dois anéis referidos – o exterior e o do Tourism Field (= TF1 + TF2) – e entre eles, encontra-se um anel intermédio. Uma banda a que o autor se refere como «band k». A área referida representa a interface entre as disciplinas e os dois campos do turismo referidos: nesta zona, cada disciplina fornece a sua metodologia de modo a justificar reivindicações de conhecimento (Tribe, 1997). É a aqui que a Economia, por exemplo, estabelece contacto com o campo do turismo e se gera um conjunto de novas perspetivas sobre o tema. Tribe (1997) não deixa de chamar a atenção para o carácter interdisciplinar da banda k. Na verdade, nessa área podem identificar-se dois fluxos de diálogo: entre cada disciplina e o campo do turismo (multidisciplinaridade) e entre várias disciplinas, em simultâneo, a respeito do mesmo (interdisciplinaridade) (Tribe, 1997). Com efeito, aqui as diversas disciplinas interagem também entre si de modo a gerar novos panoramas no plano do turismo – veja-se o caso anteriormente dado do conceito de “carrying capacity”.

John Tribe apropria-se da distinção que Gibbons et al. (1994) fazem entre modos de produção de conhecimento – designados por “Mode 1” e “Mode 2” – e atribui-lhes um lugar neste modelo (Tribe 1997). A diferença reside no âmbito em que o conhecimento é gerado: se, por um lado, existe um conhecimento que resulta de um meio teórico (designado como “Mode 1”) – um conhecimento que nasce num contexto académico, frequentemente ligado ao ensino superior – por outro, ele pode ser fruto de um ambiente prático (apelidado de “Mode 2”) – tendo origem num contexto mais empresarial, ou em unidades como o governo ou outros grupos de interesse (Tribe, 1997). O primeiro parece ter lugar na “banda k”, o segundo aparece explicitamente identificado no centro do modelo (Tribe, 1997). De acordo com Tribe (1997), a maioria do conhecimento em turismo produzido no “Mode 2” está localizada na fronteira com a zona TF1. Com efeito,

este tipo de conhecimento, relacionado com a resolução de problemas práticos, que se tem desenvolvido está muito relacionado com a própria indústria do turismo. Cabe ainda realçar que o “Mode 2”, ao estar fora do círculo do ensino superior (o centro tradicional da produção de conhecimento), tem critérios de avaliação próprios. Pautando-se pela eficácia e capacidade de estabelecer uma vantagem competitiva (Tribe, 1997).

Num artigo posterior, Tribe e Liburd (2016) revêm o modelo anterior e propõe um terceiro que é apresentado na **Figura 3**: aí são identificados uma série de elementos e de interações entre eles que, formando um todo coerente, definem um sistema de conhecimento em turismo. Procuram criar algo mais completo e como consequência cresce em complexidade. O sistema construído pelos autores abarca inputs (círculo 1) e outputs (círculo 4), processos (círculos 2 e 3), uma fronteira (definida pela elipse interior, β), fatores do ambiente (elipse externa, α) e loops de feedback (como o indicado, por exemplo, pela letra “e”).



Fonte: Tribe e Liburd, 2016.

Figura 3: Sistema de conhecimento em turismo de John Tribe e Janne Liburd

A primeira crítica que começam por fazer, ao modelo anterior de Tribe (1997), prende-se com as designações “TF1” e “TF2” que caracterizam de pouco elegantes e que na verdade não chegam a ser adotadas por outros autores (Tribe & Liburd, 2016). Assim, olhando para a **Figura 3**, constata-se que Tribe e Liburd (2016) abandonam por completo estas designações.

Optam por definir um círculo 2, onde assinalam o conjunto dos quatro grandes grupos disciplinares que analisam o turismo sob os seus prismas: Ciências Sociais, Ciências Empresariais, Artes e Humanidades e Ciência. Dada a extensa literatura, os autores não se alongam no que diz respeito às Ciências Sociais e Empresariais – relembrando apenas a permeabilidade entre ambas e o seu constante diálogo (Tribe & Liburd, 2016). Enquanto que as primeiras são representadas por disciplinas como Economia, Geografia, Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Direito, as segundas prendem-se com áreas que têm uma natureza mais operacional ocupando-se de matérias como, por exemplo, Marketing, Finanças ou Gestão de Recursos Humanos (Tribe & Liburd, 2016).

Por seu lado, as Artes e Humanidades abarcam disciplinas como História, Filosofia, Literatura, Música ou Arte e encontram-se ligadas aos estudos de culturas (Tribe & Liburd, 2016). Aspetos como a imaginação ou o olhar de forma crítica para vida (desde as grandes questões até aos detalhes do dia-a-dia) conferem a estas disciplinas a capacidade de aprofundar as perspetivas sobre o turismo – permitindo uma melhor leitura sobre o seu passado, presente e futuro (Tribe e Liburd, 2016). Este progresso das Humanidades e da Arte no turismo mostra-se tímido, mas tem-se vindo a desenvolver – sendo revistas como o *Journal of Tourism and Cultural Change* e o *Journal of Tourism History* provas disso mesmo.

Por último, surge referenciada a área disciplinar da “Ciência”. Englobando disciplinas como a Medicina, a Biologia, a Física ou a Matemática, os autores enquadram neste grupo áreas orientadas por regras e procedimentos positivistas (Tribe & Liburd, 2016). Para ilustrar a relação entre o turismo e estes domínios recorrem, entre outros, a uma série de exemplos que envolvem a Medicina: a prescrição de fazer turismo tendo em vista o combate ao stress e prevenção de doenças cardiovasculares; os avanços na investigação relacionada com a vacinação ou revistas como o *Journal of Travel Medicine* (Tribe & Liburd, 2016). De reter é ainda a nota com que encerram esse parágrafo: o estudo científico do turismo está desligado do corpo principal do turismo na academia (Tribe & Liburd, 2016). Uma ideia abordada no jornal anteriormente referido, onde Bauer (2015) afirma que a literatura médica, neste caso, está pouco envolvida com a investigação em turismo propriamente dita.

Neste círculo 2 identificamos o que no anterior modelo era designado como “Mode 1”. A zona em causa coincide com uma produção de conhecimento por parte de uma série de disciplinas inseridas na tradição académica, que se regem pelas suas próprias regras e metodologias (Tribe & Liburd, 2016). Note-se que os autores, apoiados na definição

avançada por Klein (2012), vêm novamente defender a existência de um espaço interdisciplinar – marcado por um círculo menor e concêntrico e assinalado com um “x” (Tribe e Liburd, 2016). Veja-se como o círculo 2 e as suas diferentes áreas são demarcadas a tracejado, tornando mais evidente a noção de que podem comunicar entre elas e que se podem justapor.

O círculo 3 representa um conhecimento extra-disciplinar do turismo, aquele que é produzido fora de disciplinas tradicionais (Tribe & Liburd, 2016). O “Mode 2” passa a ser apenas parte deste círculo e a ser designado como “Conhecimento centrado nos problemas” – partilhando um espaço que agora abarca também o “Conhecimento baseado em valor”, a “web 2.0” e os “Conhecimentos indígenas” (Tribe & Liburd, 2016). “Mode 1” e “Mode 2” são representados através de uma linha tracejada que, como já referido, tem esse objetivo de transmitir melhor uma ideia de permeabilidade que os caracteriza (Tribe & Liburd, 2016). Coles et al. (2006) parecem rejeitar um domínio disciplinar tirânico, acabando por predicar uma pós-disciplinaridade. No entanto, Tribe e Liburd (2016) sem hesitar não a consideram mais do que uma coexistência entre zona “x” e o “Conhecimento centrado nos problemas”.

Atenta-se agora a cada um dos elementos do círculo 3, começando com o primeiro a que se fez menção. O “Conhecimento centrado nos problemas”, como anteriormente apontado, prende-se com um conhecimento que é gerado num contexto de aplicação (Tribe & Liburd, 2016). Rege-se por uma epistemologia funcionalista: move-se por um interesse utilitário e por questões de eficiência, focando-se na aplicação de técnicas para a resolução de problemas práticos (Gibbons et al., 1994). Trata-se de um conhecimento extra-disciplinar: não deriva necessariamente de disciplinas e não contribui para um conhecimento disciplinar. Os exemplos são muitos e podem encontrar-se, entre outros, em relatórios da OMT, de instituições como a *Tourism Concern*⁴, de consultoras, de agendas de investigação criadas por conselhos de investigação, entre muitos outros (Tribe & Liburd, 2016).

É identificado no círculo 3 uma área que se refere ao “Conhecimento baseado em valor”. Como pano de fundo tem a posição defendida por Feyerabend (1975): o conhecimento deve assumir uma posição mais anárquica e subjetiva, não podendo ser canibalizado pelas disciplinas – que procuram obsessivamente enveredar por um caminho

⁴ A *Tourism Concern* é uma organização não-governamental de caridade, sediada no Reino Unido. Expõe abusos contra os direitos humanos no turismo e promove uma atividade turística que favoreça as pessoas locais dos destinos turísticos.

plenamente objetivo. Tribe e Liburd (2016), acabam por fazer, de algum modo, ecoar esta perspetiva, incorporando neste círculo um conhecimento apoiado em valores e nos diferentes modos que as pessoas têm de interpretar a realidade. Na sequência do que vem afirmar Caton (2012), os autores defendem que deve haver um espaço para o coração no que diz respeito ao conhecimento: não se esgotando este no campo da pura objetividade e neutralidade, como acontece nalgumas disciplinas. Veja-se como estas ideias, no campo do turismo, acabam por dar origem a conceitos como o de Turismo Sustentável (Pritchard et al., 2011) ou a empresas como a ImpacTrip – um operador turístico que promove experiências de Turismo Responsável, em Portugal. Assim se abre um espaço para um modo de conhecer diferente: um lugar epistemológico onde os protagonistas são os valores promovidos por uma sociedade cívica, que decorrem do diálogo e colaboração entre uma série de agentes como o governo, a indústria ou os académicos e onde mais do que pensar sobre “o que é o turismo” o que está em causa é pensar “o que é que o turismo deve ser” (Tribe & Liburd, 2016).

Ainda no círculo 3, encontramos a zona ocupada pela “web 2.0”. De acordo com Liburd (2012) – enraizada nas novas tecnologias – esta refere-se aos princípios filosóficos e à prática social de partilhar e discutir informação e conhecimento por parte dos utilizadores que geram, alteram e atualizam conteúdos da web. A definição abarca estas ideias de uma comunidade que trabalha em rede, num campo multi-, inter- e extra-disciplinar e de um processo sistemático de revisão de conteúdos e atualizações dos mesmos (Tribe & Liburd, 2016). Neste quadro, entre um ou outro que referem está a organização *Ecocean*⁵. Esta conta com uma participação ativa por parte dos turistas, que com as fotografias que tiram, em tempo real, ajudam a monitorizar a espécie animal (tubarão-baleia) que procuram conservar e proteger.

Os “Conhecimentos indígenas” ocupam também parte do círculo 3. Os autores referem-se assim a esse conhecimento que nasce no seio de comunidades indígenas – em circunstâncias culturais, geográficas e tradicionais muito concretas (Tribe & Liburd, 2016). Define estes povos o facto de terem resistido aos movimentos de colonização e de terem ficado à margem da ocupação por parte de civilizações modernas (Tribe & Liburd, 2016). O conhecimento que desenvolveram é muitas vezes transmitido de geração em geração, fortemente apoiado na tradição oral, e encontra expressão numa série de meios:

⁵ A *Ecocean* é uma organização não-governamental e sem fins lucrativos, sediada na Austrália. Trabalha com o objetivo de ajudar preservar uma espécie marinha em vias de extinção, o tubarão-baleia.

entre outros a arte, o artesanato, a espiritualidade, a medicina, as histórias ou a própria linguagem (Tribe & Liburd, 2016).

Para Tribe e Liburd (2016) a publicação de *Tourism and Indigenous Peoples* (Butler e Hinch, 2007) é um marco. Consideram que a partir de então as culturas nativas se tornaram muito mais atrativas tanto para os turistas como para os investigadores. A investigação em torno do turismo indígena tem crescido, levantando-se debates tão importantes como se ele representa, ou não, uma oportunidade para essas comunidades ganharem uma independência económica e rejuvenescerem culturalmente ou – para dar outro exemplo – se os conhecimentos indígenas podem representar, ou não, uma ameaça de degradação para a cultura científica. Com efeito, para muitos ele parece carecer da mesma legitimidade que possuem outras formas de conhecimento que se apoiam no método científico (Chambers & Buzinde, 2015). Defendem Tribe e Liburd (2016) que a inclusão específica de conhecimentos indígenas neste sistema oferece uma resistência contra a possibilidade de marginalização e opressão desta forma de produção de conhecimento no campo do turismo.

Por último, encontra-se no círculo 3, à semelhança do que se passa no 2, uma zona delimitada por um círculo concêntrico menor agora assinalado com um “y”. Trata-se de um espaço de convergência nesta zona extra-disciplinar: uma área muito participativa, com componentes práticas, éticas, criativas e experimentais muito fortes e que podem promover ligações únicas de modo a levantar novas perguntas (Wilson e Hollinshead, 2015) e até mesmo a servir de suporte para novas abordagens académicas (Tribe & Liburd, 2016).

Em *Truth about Tourism*, Tribe (2006) escreve sobre a existência e efeitos de um campo de força na produção de conhecimento em turismo – tendo por base a teoria desenvolvida por Lewin (1935). Defendem que o conhecimento não é gerado de maneira puramente objetiva, nem completamente isenta de interesses ou valores. A sua produção encontra-se envolvida por este campo, onde atuam uma série de forças sociológicas que acabam por pôr em causa a noção de pesquisa desinteressada. São estas forças: pessoa, ideologia, posição, governo e capital global (Tribe & Liburd, 2016). Estes elementos, que se configuram como fatores que influenciam o processo de conhecimento, ocupam lugar na elipse externa “ α ” – o campo de força do conhecimento.

Em seguida, analisa-se cada um deles (Tribe & Liburd, 2016):

- Pessoa: Embora tenham a capacidade de se distanciarem, existem fatores que impedem os investigadores de exercer a sua atividade de uma forma

perfeitamente objetiva. Como pessoas não deixam de atuar desligados daquilo que são. Carregam consigo uma autobiografia, um conjunto de vivências, uma cultura e outros traços que as definem e que muitas vezes transparecem para o seu trabalho.

- Ideologia: na linha de Apple (1990), é definida pelos autores como um conjunto de crenças, com frequência irreflexivas, que permeiam a sociedade e que se encontram fortemente arraigadas no pensamento moldando o modo de atuar das pessoas. Veja-se como a produção do conhecimento em turismo é permeável a ideologias como o capitalismo, o neoliberalismo ou o consumismo (Tribe & Liburd, 2016; Tribe et al., 2015).
- Posição: como explica Tribe (2006), diz respeito a uma série de elementos que têm uma raiz geográfica e que, naturalmente, moldam a posição de um investigador perante um determinado tema. Engloba aspetos como a localização geográfica, os departamentos académicos e universitários, a linguagem ou comunidades culturais (Tribe & Liburd, 2016). Tribe (2006) detém-se particularmente numa força que se pode enquadrar neste tópico da posição: o etnocentrismo – promoção dos interesses da própria comunidade ou grupo étnico, em detrimento dos interesses dos restantes grupos. Os próprios autores reconhecem, no entanto, uma certa redundância neste elemento: entre outros, por exemplo, há aqui aspetos já contemplados nos círculos 2 e 3, que exibem posições alternativas – como conhecimento disciplinar versus um conhecimento indígena – e se prendem muito com questões geográficas.
- Governo: não deixa, muitas vezes, que as universidades sigam caminhos de pesquisa independentes. Através de meios de financiamento, procuram estabelecer agendas – com frequência voltadas para um conhecimento centrado na resolução de problemas – que vão de encontro aos seus interesses políticos.
- Capital global: exerce sobre o campo do turismo um poder direto, através do dinheiro, e um poder indireto, através de influências (Tribe & Liburd, 2016).

Atenta-se agora a outros elementos do modelo. Identificáveis por umas pequenas nuvens a tracejado que circulam na área β (em torno do sistema), encontramos aquilo que os autores designam de “network” “j”, “k”, “m” e “n”. Em termos de representação essas nuvens parecem contrastar com a estaticidade do restante modelo, conferindo-lhe algum dinamismo: uma nuvem cresce, move-se, funde-se com outras, flutuam, dissolvem-se,

reformulam-se (Tribe & Luburd, 2016). O facto de serem ilustradas desta maneira não é casual.

Tribe e Liburd (2016) olham para os estudos de turismo e enquadram-nos neste plano onde surgem uma série de agentes (chamados atores) que atuam em rede e são responsáveis por um processo de constante reconfiguração do turismo. Como exemplo, os autores falam da rede Critical Tourism Studies (CTS). A instituição começa como Gender Research in Tourism Studies (GRITS) mas uma série de eventos, planeados e não planeados, discussões e problematizações acabaram por dar forma a uma nova organização com novos propósitos (Tribe & Liburd, 2016). A metáfora da nuvem, ganha deste modo todo o sentido.

As características mais importantes deste conceito de rede, no sistema de conhecimento desenhado por Tribe e Liburd (2016), prendem-se com essa fluidez, essa mobilidade e capacidade de renovação. A importância das redes vai residir precisamente nestas transformações que as atravessam: resultando o processo em novas perspetivas e significados para o turismo e o poder de resistência e de apresentar alternativas para grupos e indivíduos que possam ver a sua ação bloqueada por forças identificadas a área α (Tribe & Liburd, 2016). Formais ou informais, encontram-se como exemplos dessas redes instituições como a BEST EN⁶, ou grupos ativistas como o já referido Tourism Concern.

Do sistema há ainda dois elementos que estão por referir: os círculos 1 e 4. Começa-se por abordar o primeiro. Designado como “O Mundo (do Turismo)”, representa o mundo do turismo a ser pesquisado (Tribe & Liburd, 2016). É o ponto de partida (e de chegada) neste campo de estudo, debruçando-se sobre ele os investigadores com ambição de descrever e aprofundar sobre os seus elementos: pessoas, fenómenos, causas e efeitos, infraestruturas (Tribe & Liburd, 2016). Não sendo olhado pelos autores como um universo completamente independente, optam pela utilização de parêntesis na designação: esse mundo do turismo é parte de um mundo abrangente, com o qual se relaciona e ao qual é permeável (Tribe & Liburd, 2016).

O impacto da investigação assume uma de duas formas (Tribe & Liburd, 2016). Por um lado, pode ter um impacto puramente académico resultando numa produção que circula constantemente no círculo 2 – onde se configura como um input que vai alimentando investigações futuras (Tribe & Liburd, 2016). Por outro, pode assumir um

⁶ Fundada em 1998 e com sede na Áustria, é uma rede que envolve académicos e profissionais da área do turismo que se unem com o objetivo de criar e difundir conhecimento no domínio do turismo sustentável.

impacto diferente e estabelecer uma ponte entre o mundo académico e um mundo prático – traduzindo-se em efeitos “palpáveis” no mundo do turismo (Tribe & Liburd, 2016). Com efeito, a este propósito, os autores deixam uma nota importante. Relembrem o termo “worldmaking” de Hollinshead (2009) e falam numa dimensão performativa da investigação – que produz a realidade que descreve (Tribe & Liburd, 2016). Como exemplo, colocam o “pro-poor tourism”⁷: desenvolveu-se um conceito que estimulou uma intervenção por parte de empresas, unidades de negócio e grupos de interesse (Tribe & Liburd, 2016). A investigação está fora da realidade que descreve, mas acaba por participar na construção dessa realidade (Callon, 2006).

O círculo 4, “Conhecimento (em Turismo)”, é o último elemento do modelo a ser comentado pelos autores. Concerne ao modo como é representado o conhecimento em turismo: além de se escolher o que é estudado dentro deste campo, a maneira de representar esse conhecimento para a sua transmissão é também uma escolha que recai sobre os investigadores.

Xiao et al. (2012) constataam que essa representação tende a ser feita quase exclusivamente sob a forma de artigos académicos. Tribe e Liburd (2016) alertam para os perigos dessa opção: o facto de a forma (estrutura, frases, parágrafos...) a que estes têm de obedecer permanecer inalterada ao longo do tempo, a preocupação excessiva com a produção de um conteúdo que se enquadre numa determinada forma, o que se pode perder de um conhecimento que não é passível de ser transmitido desta maneira, a falta de ligação destes artigos às realidades práticas, o facto de muitas vezes serem escritos de investigadores académicos para investigadores académicos (Straub & Ang, 2008) ou a grande dificuldade de que muitas vezes se reveste a leitura desses documentos (Dolnicar & Chaple, 2015).

Os autores chamam à atenção para os problemas, mas não deixam de indicar alternativas. Mostram-se seguros de que existe uma margem grande para uma exposição do conhecimento em turismo (mesmo dentro de um meio académico) mais criativo e experimental e apresentam o círculo 3 como o processo com maior capacidade para o fazer (Tribe & Liburd, 2016).

⁷ O que está em causa é estimular a economia de países em desenvolvimento, através do turismo. O objetivo é o de reduzir a pobreza fortalecendo ligações entre os mais pobres e o turismo. Melhorar a sua qualidade de vida tornando-os mais participativos nesse mundo, de modo a que os mais desfavorecidos possam também recolher benefícios dele.

2.4 Agendas de Investigação

As agendas de investigação constituem-se como um precioso instrumento – transversal às diversas áreas do conhecimento – para as comunidades de investigadores nortear as pesquisas que levam a cabo. Hummers-Pradier et al. (2009) definem-nas como documentos de referência, onde se estabelece uma linha de orientação relativamente à investigação que se pretende que venha a ser feita sobre uma dada temática.

A tipologia de documento agora em foco apresenta uma dupla dimensão: análise e diagnóstico (Lopes, 2018). As agendas de investigação são, ao mesmo tempo, uma reflexão crítica acerca das lacunas do quadro de conhecimento atual e uma proposta de linhas de atuação. Dito de outra forma, preocupam-se em identificar um caminho e os meios necessários para o percorrer. É sobre estas duas dimensões que se deve alicerçar uma estratégia de investigação. Partindo do que foi referido, acaba por se poder inferir ainda uma outra característica. É possível afirmar que uma agenda de investigação é sempre uma proposta de cariz prospetivo: algo que se propõe no presente tendo um enfoque no futuro (Lopes, 2018).

A importância destas agendas reside precisamente nesse papel que desempenham de definição de uma política de investigação. Assim, quer sobre a forma de livros, artigos ou jornais académicos, não se torna surpreendente a grande quantidade de literatura que é publicada anualmente com essa pretensão de orientar a investigação num determinado domínio do conhecimento. Cabe ainda ressaltar o facto de resultarem em documentos de grande utilidade para uma colaboração entre a comunidade científica e a restante sociedade, nomeadamente com a comunidade empresarial (Carayol, 2003).

No que concerne à forma, (Lopes, 2018) divide em duas categorias distintas os trabalhos desta natureza:

1. Propostas de agendas emanadas por associações profissionais ou científicas ou instituições de natureza similar, que procuram identificar lacunas de conhecimento e estabelecer um conjunto prioridades de investigação. Em Portugal veja-se, a título de exemplo, o caso da FCT: responsável pela elaboração de catorze Agendas Temáticas de Investigação e Inovação, procura mobilizar peritos que identifiquem desafios e oportunidades e que sejam capazes de dar resposta a problemas ou necessidades de diferentes setores da sociedade⁸.

⁸ As Agendas Temáticas de Investigação e Inovação dão forma à Resolução do Conselho de Ministros nº 32/2016 de 3 de junho e em particular ao estabelecido no anexo “Compromisso com o Conhecimento e a Ciência: o Compromisso com o Futuro” (Presidência do Conselho de Ministros, 2016).

Geralmente, este tipo de agendas é apresentado num documento monográfico – disponibilizado em formato digital a partir de uma página de internet da instituição.

2. Contributos individualizados – de um académico ou de um grupo de académicos – que publicam um estudo estruturado onde se propõe uma agenda de investigação sob a forma de um artigo, num jornal da especialidade.

Note-se que, em qualquer dos casos, daqui resulta sempre uma produção científica que promove um diálogo entre diversas comunidades.

Para este trabalho, a segunda categoria assinalada assume uma particular relevância. A análise que se segue será feita a partir dessas reflexões publicadas, sob a forma de um artigo e onde se propõe uma agenda de investigação na área de T&H.

Em matéria de conteúdo-tipo, Hummers-Pradier et al. (2009) centram-se na identificação de lacunas e em estabelecer estratégias para as colmatar. Costello et al. (2013), por seu lado, apresentam um modelo mais complexo. Acrescentam as questões de natureza metodológica e as questões relacionadas com as implicações das agendas para investigadores e para os profissionais – sendo que as últimas acabam por ser sinónimas de implicações práticas.

Este último ponto tem sido, com frequência, alvo de discussão. A relação entre comunidade académica e comunidade profissional, durante a elaboração e implementação de agendas de investigação, tem uma relevância grande em certas áreas. Naturalmente e em especial, tal ocorre em domínios onde uma aplicação prática do conhecimento assume particular importância – como é o caso do turismo.

Nestas áreas, a ponte entre comunidade científica – responsável por elaborar uma agenda – e os profissionais – que colocam em prática o conhecimento desenvolvido – é fundamental. Ryan (2018) vem lembrar que o motor da investigação é a curiosidade académica. Curiosidade essa que não está desligada de um sentido de responsabilidade que os investigadores devem ter. Além de um interesse individual, movem-se pela vontade de contribuírem para uma melhoria das condições sociais. Por seu turno, Lopes (2018) ressalta como esta relação é importante aquando da elaboração das agendas, mas também em fases posteriores – de implementação das mesmas. Isto é, quando se iniciam os estudos “no terreno”. Dessa proximidade entre a comunidade científica e os profissionais resultam agendas mais robustas e de mais fácil implementação.

Lopes (2018) chama a atenção para a dimensão ética da pesquisa científica e, consequentemente, de uma agenda de investigação. O debate em torno da natureza dos limites éticos da investigação científica tem-se aprofundado ao longo das últimas décadas. O mesmo autor, recorda que uma agenda de investigação não é neutra. Em primeiro lugar, por uma questão de senso comum. Afinal, não é sensato fazerem-se todas as pesquisas: uma agenda, pelo simples facto de os recursos serem limitados, vê-se obrigada a fixar aquelas que são as áreas prioritárias de pesquisa. Também não o é porque estabelece determinados caminhos a seguir. Finalmente, não o é porque há questões de financiamento que podem distorcer os temas em agenda, veja-se a propósito Glaser e Bero (2005). Com efeito, estas podem estar condicionadas por pressões de financiadores.

Lopes (2018) sintetiza a literatura e estabelece um quadro de referência para o conteúdo das agendas de investigação. Uma síntese composta por oito tópicos que podem e devem ser abordados:

1. Estabelecer um quadro conceptual do tema em estudo;
2. Identificar as lacunas desse mesmo quadro e definir as prioridades de investigação;
3. Estabelecer uma base para ações concretas, que sejam possíveis no quadro global de financiamento;
4. Debater as questões de natureza metodológica;
5. Avaliar quais as implicações para os investigadores;
6. Avaliar quais as implicações para os profissionais – ou para outras comunidades;
7. Discutir a relação entre a comunidade académica com outras comunidades – sejam locais, profissionais, etc.;
8. Discutir a dimensão ética associada às propostas específicas de investigação.

III. Metodologia

Por forma a ir ao encontro do propósito que foi assinalado – avaliar o modelo que é proposto por Tribe e Liburd (2016) – a análise foi desenhada em duas fases. Numa primeira, tendo por base a literatura, estabelece-se um quadro de referência que contempla as principais diretrizes do sistema de conhecimento em turismo. Na segunda fase, procura-se verificar em que medida é que a amostra de artigos espelha os principais traços do sistema criado por estes dois autores.

Depois de um quadro de referência definido, estabelece-se uma amostra de agendas de investigação (publicadas sob a forma de artigos), obtida a partir de pesquisa no repositório de informação científica Scopus. Para a seleção de documentos foram estabelecidos os seguintes critérios: que contivesse em “Título, Abstract, Keywords” as expressões “tourism or hospitality” e “research agenda”. Depois de refinada, tendo o “Document Type” sido restringido a “Article”, “Review” e “Editorial”, a pesquisa exhibe um conjunto dos 255 documentos mais citados – o critério do número de citações é, muitas vezes, usado para medir a sua importância. Dada a dimensão do conjunto, desadequada para análises de maior profundidade, retirou-se do mesmo uma amostra de 23 artigos (os mais citados). O índice h (*h-index*) da Web of Science para esta pesquisa é de 22, pelo que se fixou o limiar nesse valor. No entanto, serão analisados 23 já que o 22.º e 23.º têm o mesmo número de citações.

Os artigos selecionados (em anexo, é possível encontrar a Tabela 2 que contém uma descrição/caracterização dos artigos) constituem a amostra deste estudo empírico. Em primeiro lugar, começou-se por se fazer uma caracterização da amostra. Depois, cada um dos artigos é descrito e, por último, tendo por referência o quadro desenhado analisa-se em que medida estas agendas de investigação em T&H confirmam, ou não, a aplicabilidade do modelo traçado por Tribe e Liburd (2016).

IV. Análise e Discussão de Resultados

A análise de resultados está em três secções: Quadro de Referência, Caracterização da Amostra e Análise dos Resultados.

4.1 Quadro de Referência

Apontam-se agora os tópicos que dão corpo ao quadro de referência e os critérios que consubstanciam cada um – este é instrumento através do qual se avalia o sistema de conhecimento em turismo de Tribe e Liburd (2016):

1. A agenda aponta no sentido do desenvolvimento da investigação através de um processo disciplinar (elemento do modelo: círculo 2);

Critérios: Quando um artigo se desenvolve enquadrado numa disciplina que entra em diálogo com o turismo; Quando parte, ou a totalidade, da tese defendida se encontra baseada num conhecimento disciplinar que contribui

para um desenvolvimento do campo de estudo do turismo; Quando incentiva a que se siga uma abordagem disciplinar; Quando refere a necessidade de percorrer uma abordagem interdisciplinar.

2. A agenda apela à interdisciplinaridade (elemento do modelo: zona x);

Critérios: Quando parte, ou a totalidade, da tese defendida se encontra baseada num conhecimento interdisciplinar que contribui para um desenvolvimento do campo de estudo do turismo; quando incentiva à produção de conhecimento, no turismo, através de um diálogo simultâneo entre várias disciplinas (dos diferentes quadrantes assinalados pelos autores).

3. A agenda aponta no sentido do desenvolvimento da investigação através de um processo extra-disciplinar (elemento do modelo: círculo 3);

Critérios: Quando não é seguida essa via, mas se reconhece ou se incentiva (de forma genérica ou indicando alguma das quatro zonas do círculo 3) que seria um processo possível de gerar conhecimento no campo do turismo; Quando se apresenta algum um caso concreto (no qual a tese da agenda se apoia) que envolva a criação de conhecimento em turismo pela via extra-disciplinar (por pelo menos uma das quatro zonas referidas no círculo 3).

4. A agenda aborda o diálogo entre os diferentes terrenos de um processo extra-disciplinar que são referidos pelos autores – "Conhecimento centrado nos problemas", "Conhecimento baseado em valor", "web 2.0" e "Conhecimentos indígenas" (elemento do modelo: zona y);

Critérios: Quando estejam presentes mais do que um destes elementos e que de algum modo os autores os relacionam, da maneira a gerar novos conhecimentos em turismo.

5. A agenda mostra nitidamente que sobre o campo do turismo se exerce uma, ou várias, das forças sociológicas referidas pelos autores – pessoa, ideologia, posição, governo ou capital global (elemento do modelo: elipse externa, α);

Critérios: Quando é referida, pelo menos, uma destas forças como atuante – como vetor que tem uma repercussão direta – no campo de estudo do turismo, colocando em causa uma pesquisa completamente desinteressada.

6. A agenda aborda a existência de agentes que, atuando em rede, são responsáveis por um processo constante de reconfiguração do turismo (elemento do modelo: network “j”, “k”, “m” e “n” que rodeiam a elipse interior β);

Critérios: Se é referido um agente que transpareça a capacidade de reconfigurar o campo do turismo.

Os seis pontos mencionados acabam por ser as principais linhas que definem o modelo dos autores. O que se pretende é verificar se na amostra de artigos estudada são abordados os aspetos referidos. Assim, através de agendas de investigação (documentos de referência para qualquer área) procura-se comprovar se a pesquisa levada a cabo em turismo se desenvolve nos moldes desenhados pelas autores Tribe e Liburd (2016).

4.2 Caracterização da Amostra

Entre os artigos mais antigo e mais recente, da presente amostra, dista um intervalo de vinte anos (1996-2016). O conjunto é composto por artigos de 14 publicações distintas – sendo o *Tourism Management* aquela onde mais artigos foram mais publicados. No que à extensão diz respeito, verifica-se uma variedade considerável: oscilando o número de páginas entre as 9 e 39. Assinalável é também o facto de a grande maioria dos artigos apresentar mais do que um autor – sendo que seis dos artigos são assinados por um autor, dez são assinados por dois e sete são assinados por mais de duas pessoas. Como se pode constatar, geralmente as agendas de investigação são assinadas por mais do que um autor. Parece natural que assim seja. Afinal, estruturar a investigação, na área que for, não é uma tarefa que possa estar nas mãos de uma só pessoa. Crê-se sim que a pluralidade de perspetivas tende a tornar a reflexão mais enriquecedora.

Por fim, da amostra considerada para análise cabe ainda ressaltar o facto de os documentos em questão apresentarem um número elevado de citações: o artigo mais citado apresenta 243 citações, os primeiros dez artigos são citados mais de 100 vezes e nenhum é citado menos de 50 vezes. Algo que se considera importante, uma vez que significa que o presente estudo se alicerça, deste modo, num conjunto de artigos de relevância.

4.3 Análise dos Resultados

A **Tabela 1** permite visualizar se cada um dos vinte-e-três artigos analisados (em coluna) inclui, ou não, os elementos do modelo de Tribe e Liburd (2016), que são contemplados no quadro de referência.

O primeiro ponto do quadro marca presença em todos os artigos – algo que não é surpreendente, dado o facto de a amostra contemplar apenas documentos produzidos no meio académico. De ressaltar também é o número de documentos que reconhecem, seguem ou incentivam a que o turismo seja abordado através de um processo de criação de conhecimento extra-disciplinar (17/23) – embora não sejam tantos (6/23) os artigos que, de algum modo, refiram um diálogo entre dois, ou mais, das quatro vias que são assinaladas pelos autores (“Conhecimento centrado nos problemas”, “Conhecimento baseado em valor”, “web 2.0” ou os “Conhecimentos indígenas”) (Tribe e Liburd, 2016).

Como se pode constatar também uma abordagem interdisciplinar é, de uma maneira ou outra, promovida com relativa frequência (12/23). É considerável o número de artigos que desenvolve novas perspetivas sobre o turismo, através de uma convocatória de várias disciplinas que são colocadas a falar sobre o mesmo (em simultâneo). Um pouco menos expressivos é o número de artigos que mencionam uma ou mais forças sociológicas que os autores identificam (10/23) e o número de agendas que referem a atuação de agentes, em rede, com capacidade de operar reconfigurações no turismo (8/23).

Como permite também observar a **Tabela I**, o artigo 14 (Dubois e Ceron, 2006) é o único que aborda a totalidade dos tópicos estabelecidos no quadro de referência. Nove das agendas tocam em pelo menos quatro dos tópicos mencionados, e cinco destas nove abordam cinco dos pontos da tabela.

A maioria do conjunto de artigos que compõem a amostra, embora sob diferentes prismas, olha para o campo do turismo sobre uma perspetiva mais pragmática das ciências empresarias. Com efeito, a relação entre o turismo e um plano prático é forte. Algo que podemos inferir ainda do facto de muitos dos artigos estudados promoverem uma abordagem do turismo extra-disciplinar – como o atesta a **Tabela I**. Embora a mesma tabela não permita essa leitura, é de assinalar que dentro de um universo extra-disciplinar que é promovido, a maioria dos artigos fala de um “Conhecimento centrado nos problemas” – de um conhecimento que é gerado em contexto empresarial.

Os três primeiros pontos do quadro que serve como instrumento de análise são aqueles que são referidos com maior frequência. A análise é feita a partir de agendas de

investigação. Assim, o foco dos artigos está precisamente naquilo que deve ser investigado em turismo e no modo como deve esse conhecimento ser gerado: os três primeiros tópicos dizem precisamente respeito a processos. A frequente referência que lhes é feita confirma-os como os dois grandes processos de criação de conhecimento em turismo.

Através de uma análise ao conteúdo dos artigos, constata-se uma grande disponibilidade por parte do campo do turismo para estabelecer diálogo com diferentes áreas disciplinares. Uma multidisciplinaridade que se revela mais intensa no diálogo entre o turismo e as Ciências Empresariais ou com as Ciências Sociais. Com efeito, os artigos selecionados, com exceção de um ou outro caso isolado, não mencionam as duas outras áreas disciplinares contempladas no modelo pelos autores (Ciência e Artes e Humanidades). A própria construção do modelo denuncia a abertura a um diálogo multidisciplinar: Tribe e Liburd para o criarem recorrem a disciplinas como a sociologia e a outros conceitos muito importantes para as ciências sociais.

Embora seja menor, não deixa de ser assinalável a relativa frequência com que são abordados os pontos 4, 5 e 6 do quadro de referência. O número de vezes que são convocados também os confirma como elementos importantes, mais do que isso como elementos operativos, do modelo em análise.

Em relação a este assunto, há uma ressalva que não pode deixar de ser feita. No que concerne ao ponto 5 do quadro de referência, a força sociológica referida mais vezes foi o governo. Contudo, decerto que isso não quer dizer que não estão presentes nos artigos outras forças referidas no modelo de Tribe e Liburd (2016). Veja-se a dificuldade – por questões que têm que ver com os próprios conceitos – em identificar num artigo, em qualquer que seja, elementos como as forças “pessoa” ou “posição”. Com efeito, a falta de referências explícitas não é sinónimo de uma ausência de relevância no modelo – simplesmente são elementos difíceis de identificar de forma explícita.

Tabela I: Presença dos principais elementos do modelo na amostra.

Quadro de Referência	Artigos																							TOTAL (SIM)
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	
1. A agenda aponta no sentido do desenvolvimento da investigação através de um processo disciplinar.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	23
2. A agenda apela a uma interdisciplinaridade.	S	S	S	S	N	N	N	N	S	N	S	N	S	S	N	S	N	N	N	S	S	S	N	12
3. A agenda aponta no sentido do desenvolvimento da investigação através de um processo extra-disciplinar.	N	N	N	S	S	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	17
4. A agenda aborda o diálogo entre os diferentes terrenos de um processo extra-disciplinar que são referidos pelos autores.	N	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N		S	S	N	N	N	N	N	N	S	S		6
5. A agenda mostra nitidamente que sobre o campo do turismo se exerce uma, ou várias, das forças sociológicas referidas pelos autores.	S	N	S	S	N	S	N	N	N	N	N	N	N	S	N	S	N	N	N	S	S	S	S	10
6. A agenda aborda a existência de agentes que, atuando em rede, são responsáveis por um processo constante de reconfiguração do turismo.	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	S	N	N	S	N	N	S	S	N	S	8
TOTAL	4	3	3	5	2	3	2	3	2	2	2	3	4	6	2	4	3	2	1	5	5	5	5	

S – Sim; N – Não.

Fonte: Elaboração própria.

V. Conclusões

A investigação em turismo tem vindo a crescer continuamente. No entanto, é difícil argumentar contra o facto de se tratar de um campo onde ainda existe uma ampla margem para realizar investigação científica. Isso mesmo o atesta a própria amostra de artigos que constitui a base do presente estudo. Na maioria dos documentos analisados, pode-se ler que se têm registado avanços nos temas que cada um trata, mas também que há ainda um grande caminho a percorrer por parte dos investigadores. Afirmações que parecem ir de encontro à ideia de que se está perante uma área de conhecimento jovem.

Ainda que seja bem visível uma relação forte do turismo com um plano mais prático, não se pode descurar, pelas razões já apontadas, um avanço no conhecimento sobre uma perspectiva mais conceptual. No sentido de reforçar esta ideia, nasce este estudo que pretende dar o seu contributo no domínio epistemológico.

Foi com esta ideia em mente que se procurou avaliar a aplicabilidade de um marco importante para a epistemologia do turismo: o modelo de Tribe e Liburd (2016). O sistema de conhecimento em turismo, como é designado pelos autores, é avaliado por meio do quadro de referência criado e de uma análise a um conjunto de agendas de investigação. Da avaliação a feita ao conjunto de vinte e três documentos, podemos concluir que, com muita frequência, se encontram os elementos que dão forma ao sistema de conhecimento em turismo criado pelos dois autores. Dos elementos contemplados, não só não há nenhum que não seja referido como todos – embora de forma variável – são referidos com frequência.

O presente estudo valida o sistema de conhecimento em turismo da autoria de Tribe e Liburd (2016). No entanto, não se pode deixar de referir nas dificuldades e limitações de semelhante avaliação.

Como os autores reconhecem nas conclusões do seu artigo, existe uma grande fluidez nas dinâmicas do modelo: o que faz com que, por vezes, se torne difícil enquadrar determinadas situações (Tribe & Liburd, 2016). Com efeito, pode tornar-se difícil, por exemplo, avaliar exatamente se se está perante uma situação enquadrável no “Conhecimento centrado em problemas” ou no “Conhecimento baseado em valor”. Como sublinham os autores (Tribe & Liburd, 2016), na prática o modelo não funciona de uma forma absolutamente linear. Assim se abre alguma margem para a subjetividade, na avaliação levada a cabo no presente estudo.

Como limitação pode-se apontar também a dificuldade em identificar a presença de determinados elementos do modelo nos artigos. O critério para aferir a presença, ou não, desses elementos em cada um dos artigos da amostra era a sua referência. Naturalmente, elementos como as forças sociológicas “pessoa” ou “posição” muito dificilmente vão surgir referidas em qualquer artigo científico.

Há uma diferença grande, em termos de complexidade, a separar o primeiro e o segundo modelo propostos por Tribe. Embora, numa perspetiva global, o sistema de conhecimento em turismo revele a sua veracidade e aplicabilidade, as dificuldades de enquadramento que este modelo suscita (fruto da sua complexidade) podem ser sintoma de que não cumpre na perfeição a sua missão. Isto é, por definição um modelo é uma simplificação: o seu objetivo é reter o essencial de uma realidade, deixando de fora elementos que são acidentais e que dificultam a sua compreensão. Um caminho de investigação possível poderia passar por hierarquizar a importância dos elementos que o modelo em análise apresenta, de forma a gerar uma nova proposta.

VI. Referências Bibliográficas

- Apple, M. (1990) *Ideology and the curriculum*. London: Routledge.
- Ashworth, G., Page, S.J. (2011) Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes. *Tourism Management*. 32 (1), p. 1-15.
- Benckendorff, P., Zehrer, A. (2013) A network analysis of tourism research. *Annals of Tourism Research*. 43 (10). p. 121-149.
- Bauer, I.L. (2015) Looking over the fence – How travel medicine can benefit from tourism research. *Journal of Travel Medicine*. 22 (3). p. 206–207.
- Binkhorst, E., Dekker, T.D. (2009) Agenda for co-creation tourism experience research. *Journal of Hospitality and Leisure Marketing*. 18 (2-3). p. 311-327.
- Bramwell, B. (2003) Maltese responses to tourism. *Annals of Tourism Research*. 30 (3). p. 581-605.
- Bramwell, B., Rawding, L. (1996) Tourism marketing images of industrial cities *Annals of Tourism Research*. 23 (1). p. 201-221.
- Bruxelas. Comissão das Comunidades Europeias. (2013) *Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões – Orientações de base para a sustentabilidade do turismo europeu*. [Online] novembro 2013. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2003:0716:FIN:PT:PDF>. [Acedido: 10 Agosto 2018]

- Butler, R., Hinch, T. (2007) *Tourism and indigenous peoples: Issues and implications*. London: Routledge.
- Callon, M. (2001) *Actor network theory*. Oxford: Pergamon.
- Callon, M. (2006) What does it mean to say that economics is performative?. *CSI (Centre de Sociologie de l'Innovation) Working Papers Series 005, Mines ParisTech*.
- Carayol, N. (2003) Objectives, agreements and matching in science – industry collaborations: reassembling the pieces of the puzzle. *Research Policy*. 32 (6). p. 887-908.
- Caton, K. (2012) Taking the moral turn in tourism studies. *Annals of Tourism Research*. 39(4). P. 1906–1928.
- Chambers, D. (2018) Tourism research: Beyond the imitation game. *Tourism Management Perspectives*. 25. p. 193–195.
- Chambers, D., Buzinde, C. (2015) Tourism and decolonisation: Locating research and self. *Annals of Tourism Research*. 51. p. 1–16.
- Cheng, M. (2016) Sharing economy: A review and agenda for future research. *International Journal of Hospitality Management*. 57. p. 60-70.
- Cohen, S.A., Prayag, G., Moital, M. (2014) Consumer behaviour in tourism: Concepts, influences and opportunities. *Current Issues in Tourism*. 17 (10). p. 872-909.
- Coles, T., Fenclova, E., Dinan, C. (2013) Tourism and corporate social responsibility: A critical review and research agenda. *Tourism Management Perspectives*. 6. p. 122-141.
- Coles, T., Hall, M., Duval, D.T. (2006) Tourism and post-disciplinary enquiry. *Current Issues in Tourism*. 9 (4–5). p. 293–319.
- Costello, G.J., Donnellan, B., Curley, M. (2013) A Theoretical Framework to Develop a Research Agenda for Information Systems Innovation. *Communications of the Association for Information Systems*. 33 (12). Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/3f43/c25d5137249d990d1c6ddec88a9f7cffee7b.pdf>.
- Coutinho, A., Seabra de Melo, M.A. (2016) Análise das influências e contribuições de John Tribe para a teoria do turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*. 4 (4). p. 135-156.
- Deery, M., Jago, L., Fredline, L. (2012) Rethinking social impacts of tourism research: A new research agenda. *Tourism Management*. 33 (1). p. 64-73.
- Dolnicar, S., Chapple, A. (2015) The readability of articles in tourism journals. *Annals of Tourism Research*. 52. p. 161-166.
- Dubois, G., Ceron, J.-P. (2006) Tourism and climate change: Proposals for a research agenda. *Journal of Sustainable Tourism*. 14 (4). p. 399-415.

- Edwards, D., Griffin, T., Hayllar, H. (2008) Urban Tourism Research. Developing an Agenda. *Annals of Tourism Research*. 35 (4). p. 1032-1052.
- FCT (2018). Turismo, Lazer e Hospitalidade - *Agenda Temática de Investigação e Inovação* (no prelo). Lisboa: FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia)
- Feyerabend, P. (1975) *Against method: Outline of an anarchistic theory of knowledge*. Atlantic highlands, New Jersey: Humanities Press.
- Gibbons, M., Limoges, C., Nowotny, H., Schwartzman, S., Scott, P., Trow, M. (1994) *The New Production of Knowledge*. London: SAGE.
- Gibson, H.J. (1998) Sport Tourism: A Critical Analysis of Research. *Sport Management Review*. 1 (1). p. 45-76.
- Glaser, B.E., Bero, L.A. (2005) Attitudes of academic and clinical researchers toward financial ties in research: A systematic review. *Science and Engineering Ethics*. 11 (12). p. 553–573. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11948-005-0026-z>
- Goeldner, C.R. (1988) *The Evaluation of Tourism as an Industry and a Discipline. Paper presented at the First International Conference for Tourism Educators mimeo*. Guildford: University of Surrey.
- Higgins-Desbiolles, F. (2003) Reconciliation Tourism: Tourism Healing Divided Societies!. *Tourism Recreation Research*. 28 (3). p. 35-44.
- Hirst, P. (1965) Liberal Education and the Nature of Knowledge. In: *Philosophical Analysis and Education*. p. 113-140. Henley: Routledge & Kegan Paul.
- Hollinshead, K. (2009) The “worldmaking” prodigy of tourism: The reach and power of tourism in the dynamics of change and transformation. *Tourism Analysis*. 14 (1). p. 139-152.
- Hummers-Pradier, E. et al. (2009) *Research agenda for general practice / family medicine and primary health care in Europe*. EGPRN Coordinating Centre. Maastricht, The Netherlands.
- Jafari, J. (2005) *Tourism research: revamping old challenges for integrative paradigms. Anais: VII Congresso Nacional y I Internacional de Investigación Turística*. Guadalajara, 5 de outubro de 2005.
- Jafari, J., Ritchie, J.R.B. (1981) Toward a framework for tourism education: problems and prospects. *Annals of Tourism Research*. 8 (1). p. 13-34.
- Klein, J.T. (2012) Research integration: A comparative knowledge base. In: Reptko, A. F., Newell, W.H. e Szostak, R. (eds). *Case Studies in Interdisciplinary Research*. Thousand Oaks: SAGE
- Leask, A. (2010) Progress in visitor attraction research: Towards more effective management. *Tourism Management*. 31 (2). p. 155-166.
- Lewin, K. (1935) *A Dynamic Theory of Personality*. New York: McGraw-Hill.

- Liburd, J.J. (2012) Tourism research 2.0. *Annals of Tourism Research*. 39 (2). p. 883–907.
- Lopes, J.D. (2018) Características das agendas de investigação publicadas em jornais académicos. *Ciência da Informação*, (no prelo).
- Mccall, M., Voorhees, C. (2010) The drivers of loyalty program success: An organizing framework and research agenda. *Cornell Hospitality Quarterly*. 51 (1). p. 35-52.
- Markusen, A., Gadwa, A. (2010) Arts and culture in urban or regional planning: A review and research agenda. *Journal of Planning Education and Research*. 29 (3). p. 379-391.
- Park, K., Phillips, W.J., Canter, D.D., Abbott, J. (2011) Hospitality and tourism research rankings by author, university, and country using six major journals: The first decade of the new millennium. *Journal of Hospitality and Tourism Research*. 35 (3). p. 381-416.
- Portugal. Presidência do Conselho de Ministros. (2016) *Resolução do Conselho de Ministros n.º 32/2016, Diário da República n.º 107/2016, Série I*. [Online] junho 2016. Disponível em: <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/74605298/details/maximized>. [Acedido: 10 Agosto 2018]
- Pritchard, A., Morgan, N. (2006) Hotel Babylon? Exploring hotels as liminal sites of transition and transgression. *Tourism Management*. 27 (5). p. 762-772.
- Pritchard, A., Morgan, N., Ateljevic, I. (2011) Hopeful tourism: A new transformative perspective. *Annals of Tourism Research*. 38 (3). p. 941-963.
- Qiuyun, J., Guoji, F., Mulian, L., Yujun, W., Jingxuan, X. (2011) Research on tourism water resources carrying capacity engineering in Hainan Province. *Systems Engineering Procedia*. 1. p. 384-391
- Ryan, C. (2018) Future trends in tourism research – Looking back to look forward: The future of ‘Tourism Management Perspectives’. *Tourism Management Perspectives*. 25. p. 196-199.
- Sedgley, D., Pritchard, A., Morgan, N. (2011) Tourism and ageing: A transformative research agenda. *Annals of Tourism Research*. 38 (2). p. 422-436.
- Shaw, G., Williams, A. (2009) Knowledge transfer and management in tourism organisations: An emerging research agenda. *Tourism Management*. 30 (3). p. 325-335.
- Sirgy, M.J. (2010) Toward a quality-of-life theory of leisure travel satisfaction. *Journal of Travel Research*. 49 (2). p. 246-260.
- Solnet, D., Hood, A. (2008) Generation Y as hospitality employees: Framing a research agenda. *Journal of Hospitality and Tourism Management*. 15 (1). p. 59-68.
- Straub, D.W., Ang, S. (2008) Editor’s comments: Readability and the relevance versus rigor debate. *Management Information Systems Quarterly*. 32 (4). 2.

- Tribe, J. (1997) The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*. 24. p. 638-657.
- Tribe, J. (2006) The truth about tourism. *Annals of Tourism Research*. 33 (2). p. 360-381.
- Tribe, J., Dann, G., Jamal, T. (2015). Paradigms in tourism research: A triologue. *Tourism Recreation Research*. 40(1). p. 28-47.
- Tribe, J., Liburd, J. (2016) The tourism knowledge system. *Annals of Tourism Research*. 57. p. 44-61.
- Wilson, E., Hollinshead, K. (2015) Qualitative tourism research: Opportunities in the emergent soft sciences. *Annals of Tourism Research*. 54. p. 30-147.
- Xiao, H., Jafari, J., Cloke, P., Tribe, J. (2012) Annals: 40–40 vision. *Annals of Tourism Research*. 40. p. 352-385.
- Zeng, B., Gerritsen, R. (2014) What do we know about social media in tourism? A review. *Tourism Management Perspectives*. 10. p. 27-36.
- Zhang, X., Song, H., Huang, G. (2009) Tourism supply chain management: A new research agenda. *Tourism Management*. 30 (3). p. 345-358.

VII. Apêndice

A caracterização dos doze artigos é apresentada na **Tabela II** – ao longo das páginas seguintes.

Tabela II. Caraterização dos artigos da amostra.

Artigos	Referência	Título Original	Publicação	Descrição	Keywords	Caracterização
1	Gibson (1998)	Sport Tourism: A Critical Analysis of Research	Sport Management Review	<p>Debruça-se sobre o conceito de turismo desportivo, tendo por objetivo fazer uma revisão da literatura.</p> <p>Aborda uma série de questões chave, que procuram consubstanciar este campo de estudo e das quais derivam sugestões para estudos futuros e práticas relacionadas com a gestão do turismo desportivo.</p> <p>Considera-o um campo de estudo emergente e que o assunto não foi suficientemente delimitado. Investigadores de gestão desportiva e gestão do turismo têm dificuldade gerir a relação entre as duas áreas. Consequentemente, existem dois tipos de discurso: o turismo desportivo mostra um foco tendencioso ora em estudos de turismo ora em estudos desportivos. É ressaltada ainda a falta de perspectiva internacional em relação ao tema.</p>	--	1 autor 32 páginas citado 243 vezes
2	Ashworth e Page (2011)	Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes	Tourism Management	<p>Uma revisão de literatura sobre o turismo urbano - tópico que no quadro do turismo tem ganho importância e que se tem vindo a consolidar desde os anos 80.</p> <p>O artigo revê a compreensão e conhecimento que se tem das agendas de investigação dentro do turismo urbano - examinando os paradoxos associados a tais agendas e destacando a necessidade de adotar uma abordagem que voltada para um domínio mais amplo das ciências sociais. Argumenta que a progressão do turismo urbano depende dessa interdisciplinaridade.</p>	Urban tourism; Urban studies; Urban sociology; Urban geography; Globalisation	2 autores 15 páginas citado 193 vezes
3	Bramwell e Rawding (1996)	Tourism marketing images of industrial cities	Annals of Tourism Research	<p>Artigo que examina até que ponto pode, e por que razão, um determinado destino projetar através de técnicas de marketing uma imagem de si. É considerado o caso específico de cinco cidades inglesas: quais as semelhanças e diferenças nas imagens que estes locais projetam de si através de técnicas de marketing turístico. Descobriu-se que, embora houvesse uma certa padronização, também havia diferenças significativas.</p> <p>É dada atenção a alguns fatores que podem moldar a imagem projetada por essas cidades - recorrendo a estudos geográficos, marketing e à sociologia.</p>	Tourism place images; urban tourism; place marketing; place image differentiation	2 autores 21 páginas citado 180 vezes
4	Deery et al. (2012)	Rethinking social impacts of tourism research: A new research agenda	Tourism Management	<p>Alerta para a importância de compreender o impacto social do turismo, sobretudo ao nível das comunidades que se constituem como destinos. São uma parte fundamental do “produto turismo” e a sua atitude tem repercussões no seu sucesso como destino. Assim, valores e características destas comunidades que recebem os turistas devem ser estudados em profundidade.</p> <p>Investigação sobre o tema está a crescer e apresenta avanços. Destaca lacunas, aponta os desenvolvimentos chave e aborda questões de metodologia - a investigação está muito alicerçada em métodos quantitativos, o que pode ser limitativo para uma realidade tão complexa. Defende que o estudo se deve apoiar na etnografia ou na fenomenologia.</p>	Host communities; Research agenda; Social impacts; Tourism	3 autores 10 páginas citado 178 vezes

5	Zhang et al. (2009)	Tourism supply chain management: A new research agenda	Tourism Management	<p>Revisão de literatura sobre gestão da cadeia de abastecimento em turismo - cresce a literatura, mas o tema está pouco explorado. A partir dessa revisão faz um enquadramento para a pesquisa neste domínio.</p> <p>Identifica questões chave que merecem ser exploradas num campo teórico e empírico. Residindo a sua importância na ajuda que pode dar aos próprios decisores que operem no domínio do T&H.</p>	Supply chain management; Tourism management; Tourism supply chain	3 autores 14 páginas citado 172 vezes
6	Shaw e Williams (2009)	Knowledge transfer and management in tourism organisations: An emerging research agenda	Tourism Management	<p>Revisão de pesquisas recentes que versam sobre a área de transferência e gestão do conhecimento, no contexto de inovações.</p> <p>O paper explora alguns dos mecanismos e condutas chave da transferência de conhecimento no turismo. Com grande parte da pesquisa a desenvolver-se no sector hoteleiro, existe uma agenda de investigação emergente em gestão de conhecimento do sector.</p> <p>Necessidade de prestar mais atenção à natureza das inovações no turismo, que devem ser consideradas no quadro da gestão de conhecimento.</p>	Innovations; Knowledge management; Knowledge transfer	2 autores 11 páginas citado 155 vezes
7	Binkhorst e Dekker (2009)	Agenda for co-creation tourism experience research	Journal of Hospitality Marketing & Management	<p>Na economia da experiência, os fornecedores procuram novas formas de se diferenciarem para disputar a atenção do cliente - que vai ganhando cada vez mais poder.</p> <p>Artigo que se mostra pioneiro, na medida em que fornece uma perspectiva inovadora sobre o turismo na economia da experiência - baseada no princípio da co-criação. No final, é proposta uma agenda de investigação que convida académicos e profissionais da área a aprofundar a proposta feita pelos autores.</p>	Experience economy; co-creation, innovation, tourism; research	2 autores 18 páginas citado 147 vezes
8	Zeng e Gerritsen (2014)	What do we know about social media in tourism? A review	Tourism Management Perspectives	<p>Artigo sobre a crescente importância das redes sociais no turismo - alerta para o facto de se um tema que está ainda na sua infância. As redes sociais desempenham um papel significativo em muitos aspetos do turismo: entre outros, na busca de informações e nos comportamentos de tomada de decisão do consumidor, na promoção do turismo ou nas melhores práticas para interagir com os consumidores.</p> <p>O estudo revê a investigação que tem sido feita sobre o tópico e estabelece uma agenda de investigação.</p>	Impact; Literature review; Research agenda; Social media; Tourism marketing	2 autores 10 páginas citado 131 vezes
9	Markusen e Gadwa (2010)	Arts and culture in urban or regional planning: A review and research agenda	Journal of Planning Education and Research	<p>Artigo que revê o estado do conhecimento sobre arte e cultura como um meio de desenvolvimento urbano ou regional - entre outros, explorando normas, analisando partes interessadas e participação dos cidadãos no planeamento cultural.</p> <p>Fala-se de estratégias que ilustram como uma investigação mais desenvolvida poderia ser uma mais-valia em termos de implementação. É proposto aos investigadores que examinem e esclareceram quais os impactos, riscos e custos de oportunidade de várias estratégias e os padrões de investimento e receita associados a cada uma, para que comunidades e governos evitem desperdiçar oportunidades de crescer, nos planos artístico e cultural.</p>	cultural planning, arts planning, cultural policy, arts policy, creative city, arts impact; gentrification; cultural districts; tourism	2 autores 13 páginas citado 129 vezes
10	Pritchard e Morgan (2006)	Hotel Babylon? Exploring hotels as liminal sites of transition and transgression	Tourism Management	<p>Baseia a sua análise dos hotéis - como espaços notáveis, mas subexplorados nas viagens e turismo pós-moderno - em estudos culturais e na geografia cultural. Os discursos de liminaridade e carnavalesco são usados para enquadrar a construção espacial dos hotéis contemporâneos - vistos como uma oportunidade para adotar comportamentos transgressivos e de aventura sexual.</p> <p>Um artigo de carácter exploratório - uma vez que se baseia em fontes secundárias e sua contribuição não está assente em nenhum trabalho empírico, mas na conceptualização dos hotéis como espaços híbridos, multidimensionais e na defesa de novas pesquisas sobre o hotel como um constructo sociológico.</p>	Hotels; Liminality; Spatiality; Sexual adventure; Surveillance; Transgression	2 autores 11 páginas citado 113 vezes

11	Sirgy (2010)	Toward a quality-of-life theory of leisure travel satisfaction	Journal of Travel Research	<p>O artigo propõe uma teoria da qualidade de vida de satisfação com viagens de lazer, baseada na teoria da fixação de objetivos. A proposta apresenta quatro princípios centrais: (1) selecionar metas de viagens de lazer que tenham altos níveis de valência positiva, (2) selecionar metas de viagens de lazer muito prováveis de serem alcançadas, (3) envolver-se em ações que implementem essas metas, e (4) envolver-se em ações que permitam ao turista experimentar a conquista dessas metas.</p> <p>É discutida uma agenda de investigação com base na teoria apresentada. São ainda discutidas as implicações desta pesquisa para a gestão.</p>	Quality of life; well-being; subjective well-being; life satisfaction; leisure travel satisfaction; leisure well-being; tourist well-being; goal theory of subjective well-being	1 autor 15 páginas citado 81 vezes
12	Leask (2010)	Progress in visitor attraction research: Towards more effective management	Tourism Management	<p>As atrações para visitantes desempenham um papel crucial no sucesso de um destino turístico - são motor para as visitas e recursos importantes para as comunidades locais. A sua gestão eficaz é fundamental para o sucesso global do produto turístico de um país, mas o tema está pouco estudado.</p> <p>O paper revê e reflete sobre publicações relacionadas com o tópico. Estabelece um quadro de pesquisa, identifica os principais problemas de gestão associados às atrações para visitantes, identifica lacunas neste campo e mostra como certos fatores (como a propriedade ou o volume de visitantes) ajudam a explicar uma série de complexidades encontradas na gestão de atrações. O documento cobre um conjunto de temas de forma estruturar a pesquisa que vem sendo feita e oferece um modelo de fatores chave para uma gestão eficaz de atrações. O artigo é rematado com uma agenda de investigação.</p>	Visitor attraction; Tourist attraction; Effective management; Research agenda	1 autor 12 páginas citado 79 vezes
13	Cohen et al. (2014)	Consumer behaviour in tourism: Concepts, influences and opportunities	Current Issues in Tourism	<p>Revisão de literatura sobre o comportamento do consumidor no campo do turismo - a pesquisa sobre o tema é vasta, mas existem poucas revisões extensas sobre esse acervo.</p> <p>A literatura examinada incide sobre três revistas de turismo - num período temporal que vai desde 2000 a 2012. Partindo de um conjunto de 519 artigos, é examinado o desenvolvimento da investigação futura sobre uma série de conceitos-chave: entre outros, tomada de decisão, valores, motivações, expectativas, atitudes, percepções, satisfação, confiança e lealdade. Sob foco estão ainda influências externas sobre o comportamento do turismo, a tecnologia, a Geração Y e o aumento da preocupação com um consumo ético. Além da perspectiva de um enquadramento do tema, os autores identificam as principais lacunas.</p>	Consumption; travel; behaviour; marketing; research agenda	3 autores 39 páginas citado 73 vezes
14	Dubois e Ceron (2006)	Tourism and climate change: Proposals for a research agenda	Journal of Sustainable Tourism	<p>É explicada a evolução da investigação em turismo e alterações climáticas. Põe em evidência como os primeiros trabalhos se concentravam no impacto das alterações climáticas no turismo, enquanto os estudos recentes exploram mais o impacto do turismo nas alterações climáticas. Elabora uma agenda de investigação sobre os dois tópicos.</p> <p>É tão enfatizada a necessidade de revelar a investigação em turismo a outros campos e realidades profissionais – como a climatologia ou a pesquisa em transportes, por exemplo – como a necessidade de organizar a comunidade de investigação numa base global que desenvolva uma pesquisa mais colaborativa e comparativa.</p>	Adaptation; Climate change; Mitigation; Research; Sustainable; Tourism	2 autores 18 páginas citado 73 vezes

15	Solnet e Hood (2008)	Generation Y as hospitality employees: Framing a research agenda	Journal of Hospitality and Tourism Management	<p>Versa sobre o impacto da nova geração de empregados que estão a entrar no mercado da hospitalidade. Olha para os paradigmas de gestão que têm de mudar para – de forma bem-sucedida – recrutar, selecionar, preparar e motivar a Geração Y.</p> <p>O artigo analisa o que se pensa atualmente sobre os valores em relação ao trabalho, atitudes e comportamentos da Geração Y. Tem lugar uma discussão sobre como é que esses valores e atitudes vão potencialmente interagir com os paradigmas de gestão da hospitalidade prevalectes.</p> <p>O artigo termina com uma série de direções para as quais deve apontar a investigação no futuro.</p>	Generation Y; Hospitality workforce; HR management	2 autores 10 páginas citado 71 vezes
16	Cheng (2016)	Sharing economy: A review and agenda for future research	International Journal of Hospitality Management	<p>Uma revisão de literatura sobre economia compartilhada. Uma análise feita a partir de sessenta e seis publicações sobre o tema e dez papers relacionados com turismo e hospitalidade (publicados entre 2010 a 2015). O artigo olha para: (1) os modelos de negócios das economias compartilhadas e os seus impactos, (2) a natureza da economia compartilhada e (3) o desenvolvimento da sustentabilidade da economia compartilhada. Tendo como foco a área de turismo e hospitalidade olha para: (1) impactos da economia compartilhada nos destinos e serviços de turismo e (2) nos turistas.</p> <p>Traça uma nova agenda de investigação baseada na teoria sobre a economia compartilhada, unindo múltiplas perspetivas.</p>	Sharing economy; Collaborative consumption; Co-citation analysis; Content analysis; Tourism and hospitality	1 autor 11 páginas citado 67 vezes
17	Coles et al. (2013)	Tourism and corporate social responsibility: A critical review and research agenda	Tourism Management Perspectives	<p>Revisão de progressos recentes na investigação sobre responsabilidade social corporativa (RSC), no âmbito da gestão do turismo e apresentação de sugestões para pesquisas futuras.</p> <p>Em comparação com outros setores, a pesquisa dedicada à RSC no turismo está numa fase relativamente inicial. Os estudos recentes centraram-se principalmente em três áreas: implementação; lógica económica para agir com mais responsabilidade; e as relações sociais da RSE. O interesse pela responsabilidade como uma abordagem à gestão do turismo está a crescer. Para que a investigação avance e corresponda a essas ambições, é necessário um maior envolvimento com o pensamento dominante sobre RSC, bem como uma maior sofisticação concetual e metodológica.</p>	Corporate social responsibility (CSR); Travel; Tourism; Hospitality; Management; Governance	3 autores 20 páginas citado 67 vezes
18	McCall e Voorhees (2010)	The drivers of loyalty program success: An organizing framework and research agenda	Cornell Hospitality Quarterly	<p>Embora tenham proliferado, ao longo das últimas décadas, os programas de fidelização, as provas que comprovam a sua eficácia em cimentar a lealdade dos clientes permanecem inconsistentes. Esta lacuna, que diz respeito à compreensão de quais os fatores que conduzem a programas de fidelização bem-sucedidos, representa um gap de conhecimento importante.</p> <p>Uma investigação organizada em torno de três categorias de fatores que afetam a eficácia dos programas de fidelização: estrutura do programa, estrutura de recompensas e fatores de clientes. Partindo deste corpo de pesquisa, são identificadas questões que dão aos gestores de hospitalidade e investigadores académicos a oportunidade de colaborar no estudo de num tópico de grande relevância teórica e prática.</p> <p>É organizado o pensamento atual referente à gestão de programas de fidelização e é traçada uma agenda para investigações futuras.</p>	Customer loyalty; Customer relationship management; Loyalty programs; Rewards programs	2 autores 35 páginas citado 67 vezes

19	Park et al. (2011)	Hospitality and tourism research rankings by author, university, and country using six major journals: The first decade of the new millennium	Journal of Hospitality and Tourism Research	<p>Artigo que se debruça sobre a produtividade de autores, universidades e países no que concerne ao domínio do turismo e hospitalidade - uma análise feita a partir de seis jornais de referência.</p> <p>A área em foco - desde o início do novo milénio - tem experimentado uma enorme expansão e diversificação. Com o objetivo de melhor compreender a investigação em turismo e hospitalidade na primeira década do milénio, o estudo examina artigos publicados nas seis publicações mais citadas na área à data: <i>Journal of Hospitality & Tourism Research, International Journal of Hospitality Management, Cornell Hospitality Quarterly, Tourism Management, Annals of Tourism Research</i> e <i>Journal of Travel Research</i>.</p> <p>Um universo de 2.834 artigos das referidas publicações (num período que vai de 2000 a 2009) revela os 50 autores e universidades mais prolíficos e os 20 países de residência desses autores e instituições na área de turismo e hospitalidade. São apresentados rankings para 100 autores e universidades que estudam a área e ainda 30 países. Um estudo com um grande impacto académico.</p>	hospitality; tourism; research ranking; author's university; country; research productivity; contribution	4 autores 36 páginas citado 65 vezes
20	Edwards et al. (2008)	Urban Tourism Research. Developing an Agenda	Annals of Tourism Research	<p>Este artigo é levado a cabo com o objetivo de identificar as áreas mais importantes a incluir numa agenda de investigação sobre turismo urbano. Este trabalho tem três objetivos: constitui-se como uma revisão de literatura sobre turismo urbano; mostrar o processo utilizado para identificar áreas de investigação em turismo urbano; e apresentar uma estrutura concetual que possa ser usada como ponto de partida para futuras investigações em turismo urbano.</p>	urban tourism; research agenda; framework	3 autores 21 páginas citado 61 vezes
21	Bramwell (2003)	Maltese responses to tourism	Annals of Tourism Research	<p>Uma análise das respostas (da postura) dos malteses ao turismo, designadamente ao panorama político, sociocultural e ao desenvolvimento do turismo - mais do que uma abordagem teórica centrada no turismo exhibe uma abordagem contextual. As respostas são aproveitadas para desenvolver uma nova agenda de investigação.</p> <p>O estudo mostra que, após meados dos anos 80, a opinião pública sobre o setor foi-se tornando mais negativa.</p>	Malta; contextual study; community attitudes; environmental groups; environmental policies	1 autor 25 páginas citado 60 vezes
22	Sedgley et al. (2011)	Tourism and ageing: A transformative research agenda	Annals of Tourism Research	<p>Reflete sobre a investigação em turismo e envelhecimento, defendendo uma transformação da abordagem de investigação ao tema.</p> <p>Observa que os estudos existentes sobre o tema são na sua maioria quantitativos e ocupam-se com desenvolvimento de tipologias de mercado que se orientam para as necessidades e desejos do consumidor. Aqui o humanismo desempenha um papel importante, sendo feita uma abordagem participativa do estudo da população envelhecida e que adota os princípios da gerontologia crítica e do <i>hopeful tourism</i>.</p> <p>O estudo é concluído com uma agenda dividida em quatro partes para a investigação em turismo e envelhecimento.</p>	Biographical research; Critical gerontology; Hopeful scholarship; Humanist research; Older people	3 autores 14 páginas citado 54 vezes
23	Higgins-Desbiolles (2003)	Reconciliation Tourism: Tourism Healing Divided Societies!	Tourism Recreation Research	<p>Detém-se sobre as experiências de turismo aborígine (focando-se na Austrália), como um meio de reconciliação na Austrália. A análise situa o turismo de reconciliação como um tipo especial de turismo de voluntariado - colocando ambos num plano de "uma força para a paz".</p> <p>Esta análise é seguida por um olhar sobre o futuro do turismo de reconciliação na Austrália e um esboço de possíveis agendas de investigação futuras.</p>	Aboriginal tourism; ngarrindjeri community; reconciliation tourism; volunteer tourism; visitor experience	1 autor 11 páginas citado 54 vezes

Fonte: Elaboração própria.